



EDIÇÕES NOVEMBRO

A ICONOCLASTIA DE UMA FILÓSOFA AFRICANA

Sophie Oluwole e o novo cânone filosófico

Luís Kandjimbo /*

Por gentileza do meu amigo, o embaixador Olabiyi Yai, recebi há algumas semanas quatro revistas de filosofia publicadas pela Sociedade Beninense de Filosofia, nos últimos três anos. A edição de 2019 traz o artigo de uma filósofa nigeriana cuja leitura convida à busca de outras conexões discursivas. Lembrei-me das tarefas inscritas na minha fragmentária lista de trabalhos para os próximos anos.

É que quando terminei a redacção de um original de ensaios sobre filosofia, já entregue ao editor, senti uma profunda necessidade de completá-lo com uma secção dedicada a filósofas africanas e afro-descendentes. Não pretendendo ter o peso de consciência por apoio a actos misóginos e injustiça epistémica, decidi dar prioridade à escrita e um impulso à actualização da agenda. Mas ainda é muito cedo para fazer o balanço.

Conheço algumas filósofas africanas, leio livros de outras que não tive a sorte de conhecer e também daquelas que não conhecerei nunca, tais como a nigeriana Sophie Oluwole (1935–2018) de que vos falo hoje e a senegalesa Aminata Diaw Cissé (1959–2017), já falecidas. No entanto, vou acompanhando o trabalho de outras filósofas africanas e afro-descendentes espalhadas pelos quatro continentes. Estou a referir-me, por exemplo, a Nkiru Nzegwu, nigeriana; Ramatoulaye Diagne Mbengue, senegalesa; Sa-faa Fathy, egípcia; Soumaya Mestiri, tunisina; Tanella Boni, ivoriense; Arminda Fernando Filipe, angolana; Mpho Tshivhase, sul-africana; e Nancy Meles Bafour-Gyamfi, ganense.

À luz da periodização da História da Filosofia Africana proposta pelo historiador Théophile Obenga, podemos encontrar as primeiras filósofas africanas no Egipto Antigo. Mas, tal como denuncia Hassan Banhakeia, no seu livro sobre his-

tória do pensamento filosófico Amazigh do Norte de África, os preconceitos eurocêntricos dominantes nem permitem, no contexto da África Global, que o discurso historiográfico tenha em conta o território da actual Líbia como o berço da Escola Cirenaica, onde se revelou Aréte de Cirene, no século IV a.C (400 a.C.–340) que, sendo filósofa africana, não é identificada como tal. Era filha e discípula de Aristipo de Cirene, o fundador da referida escola e discípulo de Sócrates de quem era igualmente amigo. Aréte de Cirene dedicou-se ao ensino da filosofia geral e da ética durante mais de trinta anos. Um dos seus mais ilustres alunos foi o seu filho, outro filósofo de Cirene, Aristipo, o Jovem, contemporâneo de Aristóteles. No século XX, a ilustração vem de uma afro-descendente. Trata-se de Joyce M. Cook (1933–2014), a primeira africana-americana doutorada em Filosofia pela Universidade de Yale em 1965 e a primeira professora de filosofia na Universidade de Howard, cujo nome não é referido em nenhum verbete do quarto volume da história das mulheres filósofas, publicado em 1995.

A excepção eurocêntrica da misoginia na filosofia é protagonizada pelo latinista francês Gilles Ménage, que publicou um livro sobre “História das Mulheres Filósofas”, em 1690. Com longos lapsos de tempo, três séculos depois, entre 1987 e 1995, é publicado nos Estados Unidos da América um conjunto de quatro volumes como resultado de um projecto de investigação colectiva sobre a história das mulheres filósofas.

Injustiça epistémica

A injustiça epistémica de que falo exprime-se também através da exclusão de mulheres africanas e afro-descendentes, mulheres asiáticas e latino-americanas dos manuais e cânones da história da filosofia e do ensino da filosofia.

Relativamente ao continente africano tal comportamento assume outras formas. Aqui a misoginia corresponde a um preconceito de sentido duplo. Em primeiro lugar, visa as mulheres de um modo geral. Em segundo lugar, o predomínio de modelos, métodos e ferramentas analíticas ocidentais nos espaços académicos e nas instituições públicas, por força da falaciosa argumentação helenocêntrica (centrada na Grécia) do berço da filosofia. Em Angola, isto é observável quando consultamos os manuais de ensino da filosofia. Entre as armadilhas de natureza cognitiva está a inexistência de referências a filósofas africanas, além do silêncio que paira sobre o enquadramento histórico dos debates e correntes do pensamento filosófico africano em que participam as mulheres.

Por essa razão, gostaria de chamar a atenção do leitor para esta filósofa nigeriana, Sophie Obasede Oluwole. É uma das mais brilhantes e singulares vozes da filosofia africana, até à primeira década do século XXI. A sua fecunda produção bibliográfica comprova-o. Foi a primeira mulher nigeriana a obter o doutoramento em filosofia pela Universidade de Ibadan, na década de 80 do século XX com uma tese sobre metafísica e ética ocidental. Foi chefe de Departamento de Filosofia na Universidade de Lagos e Presidente da Associação Nigeriana de Filosofia. Publicou vários livros importantes de que destaco apenas um: “Socrates and Ṣrúnmilà: Two Patron Saints of Classical Philosophy” (Sócrates e Ṣrúnmilà: Dois Santos Padroeiros da Filosofia Clássica), 2014.

Ora, é preciso saber o que a distingue de outros filósofos. Quais são os seus temas e problemas filosóficos recorrentes para se revelar como uma voz distinta?

Identidade do discurso

Ao proceder à caracterização da filosofia feminista num interessante capítulo publicado no compêndio

que conta com a contribuição de várias autoras, Sophie Oluwole nega a existência de uma filosofia feminista em África. Por isso, considera que as problemáticas e discussões acerca de temas feministas e do gênero são tratadas como objecto de um domínio disciplinar específico, os “Estudos sobre Mulheres”.

Neste sentido, sustenta que a filosofia feminista africana poderá existir apenas a partir do momento em que a mulher deixar de inspirar abordagens exclusivamente antropológicas ou sociológicas. Será necessário formular questões respeitantes à situação da mulher e à condição humana, submetendo a uma avaliação crítica os princípios que regulam a relação do homem e da mulher. No seu entender, não pode ser negligenciada a investigação que permite compreender a expressão de crenças e ideias tradicionais e contemporâneas cujas fontes são os textos da tradição oral, porque é do pensamento africano que se trata.

Ao identificar o seu lugar no espectro da diversidade das correntes e escolas filosóficas continentais, ela inscreve o seu próprio discurso em duas correntes, a “tradicionalista crítica” e a “hermenêutica”, ao lado de filósofos como Kwame Gyekye, Akin Makinde e Lucius Outlaw.

Yoruba e descolonização conceptual

No seu conjunto, a obra de Sophie Oluwole traduz bem a reacção possível perante o apelo do filósofo ganense Kwasi Wiredu, segundo o qual a produção de uma verdadeira filosofia africana requer o recurso às línguas africanas, tendo em conta a necessidade da descolonização conceptual. Com essa perspectiva, a sua obra contribui para o fim do debate estéril que durante décadas se concentrou em torno da existência da filosofia africana, roubando tempo aos filósofos

profissionais apologistas da adopção de metodologias ocidentais, presumivelmente “universais”.

Sophie Oluwole parte do pressuposto que sustenta a perspectiva da hermenêutica filosófica africana, cujo fundamento reside no postulado segundo o qual a prática da filosofia é um exercício criativo de interpretação da cultura a que se pertence. Por isso, notabilizou-se como especialista da Filosofia Yoruba, explorando a colecção de textos orais “Ifá” das tradições Yoruba, fontes dos problemas filosóficos com que se ocupou ao longo de vários anos. O reconhecimento do seu pensamento filosófico tem a base no discurso argumentativo que constrói, nas problemáticas filosóficas que elege e no exame crítico a que são submetidas as referidas fontes. A morte colheu-a exactamente num dos momentos fulgurantes da notoriedade pública internacional enquanto filósofa.

Filosofia Comparada: Sócrates e Ṣrúnmilà

Para uma perspectiva intercultural da filosofia, Sophie Oluwole aponta novos caminhos para a filosofia comparada e a história da filosofia. É o que acontece no livro “Sócrates e Ṣrúnmilà: Dois Santos Padroeiros da Filosofia Clássica”. Traça o retrato de dois pensadores antigos de que se tem conhecimento como pessoas de carne, sangue e osso. Parte do pressuposto de que Sócrates e Ṣrúnmilà viveram no século VI, antes de Cristo. Ambos dialogaram com outros interlocutores usando alegorias e mitos, recorrendo à poesia e à prosa, dificultando a discernibilidade da ficção, da verdade e da religião.

Sócrates foi condenado à morte, bebendo cicuta, por ser ateu e acusado de perverter os jovens. Ṣrúnmilà, decepcionado com o comportamento de seus seguidores “intelectuais”, partiu para o céu em vez de suportar uma sociedade irracional e incorrigível. Ambos são exemplos de integridade, por se dedicarem à promoção do desenvolvimento intelectual dos humanos. Não deixaram obra escrita. A melhor forma de referir as suas ideias filosóficas consiste no uso de enunciados através dos quais o narrador ou o intérprete lhes atribui as falas.

Sócrates foi pobre. Ṣrúnmilà era suficientemente próspero para alimentar os membros da sua família. Sócrates não foi polígamo. Ṣrúnmilà era polígamo convicto. Uma das suas esposas era apresentada simbolicamente como “Igba Iwa”, “a cabaça da virtude”. Sócrates passou toda a sua vida em Atenas. Ṣrúnmilà foi um professor que, viajando, ensinou e desenvolveu a arte de adivinhar para documentar elementos importantes da experiência humana.

Novo cânone filosófico

Paradoxalmente, Sócrates continua a ser estudado em África. Ṣrúnmilà e gerações inteiras de seus descendentes são acusados de prática de “feiticeira”, desqualificando-se o seu saber. Para Sophie Oluwole tal situação é deplorável. Por essa razão, exige-se com urgência um novo cânone filosófico para ensinar os jovens africanos a pensar de forma endógena sobre o seu legado cultural e intelectual.

*Ensaísta e professor universitário

CARLOS BURITY (1952-2020)

“Porque foste embora assim?”

É momento dos amantes da música angolana celebrarem a vida e obra de Carlos Burity, que partiu para a eternidade na passada quarta-feira (12/08). Sucessos como “Canção Nostálgica”, “Ondjala yeya”, “Minga”, “Mukajiami”, “Tonacaxi”, “Lamento de um contratado”, “Kanjila”, “Nzumbi dya Papá”, “Monami ya jienda”, “Ilha de Luanda”, “Tia Joaquina”, “Lolito”, “Maria da Bicha”, “Jingonça” e “Malalanza” estarão a encher, por estes dias, certamente, os ouvidos e a mente dos amantes da música angolana



Analtino Santos

Recomendamos uma visita à plataforma online Youtube, no canal da Nova Energia, onde está disponível o Show do Mês protagonizado por Carlos Burity. Esta semana, a TPA emitiu o concerto Duetos N' Avenida em que Gersy Pegado e Patrícia Faria partilharam o palco com Carlos Burity, ao passo que a TV Zimbo recuperou a homenagem feita ao artista numa edição do Show da Zimbo.

A 1 de Março último, Carlos Burity brilhou no Palco do Semba, no jango da União dos Escritores Angolanos. O músico teve então o suporte instrumental da Banda Maravilha, tendo cantado vários dos seus sucessos. Neste espectáculo foi notória a cumplicidade que o artista tinha com a Banda Maravilha: F.A. e Isau Baptista, respectivamente percussionista e guitarrista, foram alternando na interpretação com Carlos Burity, cantando algumas músicas do rico repertório do sembista. Moreira Filho, com o seu baixo, manteve a marcação do Semba, ao passo que Marito, na bateria, segurava o andamento. Os desenhos harmónicos esti-

veram a cargo de Miqueias Ramiro, nos teclados. Nos coros estiveram Beth Távira e Lito Graça, este também na dikanza.

Na ocasião, Burity foi homenageado, pela produção do Palco do Semba, com um certificado de reconhecimento pelo contributo em prol da música e da cultura angolana. “Carlos Burity é um artista transversal e dos mais conceituados intérpretes do Semba, com sucessos que transcendem gerações e uma obra que não deixa indiferentes os amantes da nossa música”, enfatizou a organização.

Senhor do Semba

Carlos Burity partilhou o palco da Casa 70 com Patrícia Faria e Gersy Pegado, no dia 14 de Dezembro de 2019, em mais uma edição do Duetos N' Avenida.

Naquela noite, Carlos Burity recebeu um tributo da UNAC-SA e da produção do concerto. Foi enaltecida a importância do cantor e a consistência da sua obra musical.

O Senhor do Semba, como Carlos Burity era tratado pelas cantoras Gersy Pegado e Patrícia Faria, brindou a

plateia com o tema “Ilha de Luanda” e lembrou a sua fase de cantor de intervenção com “Liberdade África”.

Carlos Burity, Gersy Pegado e Patrícia Faria agitaram a audiência quando cantaram “Jingonça”, “Ondjala yeya”, “Minga”, “Mukajiami”, “Tonacaxi” e outras canções bem ritmadas. Os “toques” de Burity massimbaram as senhoras. As baladas também estiveram em alta: “Nzumbi dya Papá”, “Lamento do contratado”, “Monami ya jienda”...

Na sua derradeira passagem pelo Muzonguê da Tradição, no Centro Recreativo e Cultural Kilamba, no dia 28 de Julho de 2019, Carlos Burity brilhou na companhia de Samangwana, Augusto Chacaya e Suzanito.

Naquela tarde, Carlos Burity contou não só com a plateia habitual do Kilamba: uma delegação de europeus apreciadores de Kizomba e Semba assistiram ao concerto e ambientaram-se de tal modo que “invadiram” a pista de dança.

Foi um Carlos Burity alegre e com muita vivacidade que surpreendeu a plateia com a interpretação, num primeiro momento, de temas

da sua época da canção revolucionária. Foi assim que “Caminhar África”, “Liberdade de África” e “Inveja” transportaram os entusiastas mais-velhos para os primeiros anos da República Popular de Angola. Para uma outra geração, Burity “acenoou” com “Tia Joaquina” e os sucessos que ergueram o Semba para um patamar mais alto. “Malalanza”, que nos últimos anos passou a ser o tema de fecho dos seus concertos, lançou, no bom sentido, a “confusão” no recinto do Kilamba.

Foi bom de ver o artista sexagenário a fazer esquecer a idade e a entrar numa forte interacção com o público. É preciso dizer que estávamos, ainda, no “bom tempo”, sem Covid-19 e sem proibição dos abraços e de outros gestos de afecto que muito nos humanizam.

Carlos Burity, que venceu o Prémio Nacional de Cultura e Artes em 2009, foi dos mais conceituados intérpretes do Semba, com sucessos que atravessam gerações e discos com grande impacto na nossa cena musical. Em vida, foi reconhecido como um dos artistas mais produtivos da sua geração.



WALDEMAR BASTOS (1954-2020)

“Pela primeira vez canto livremente na minha terra”

Falecido na segunda-feira passada (10/08) em Lisboa, Waldemar Bastos (WB), em 2018 e 2019, reencontrou-se em Angola, a partir do palco, com os seus fãs no Show do Mês e em actuações no Lubango e em Benguela. O músico, certamente, ainda tinha muito para dar à cultura angolana. Recuperamos aqui, com adaptações, as narrativas que este caderno fez daquele memorável Show do Mês e do concerto que Waldemar Bastos fez no Lubango, nas Festas da Nossa Senhora do Monte

Analtino Santos e Arão Martins

O ano de 2018 foi bastante marcante para Waldemar Bastos. Foi o ano em que fez o concerto no Show do Mês e em que foi distinguido com o Prémio Nacional de Cultura e Artes. No ano seguinte, fez apresentações no Lubango e em Benguela, para agrado dos inúmeros fãs. Em 2019, participou no concerto do Dia Internacional do Jazz, organizado pela Unesco, em Luanda.

A passagem de Waldemar Bastos pelo Show do Mês pode ser vista, para sempre, no Youtube, numa proposta da Nova Energia.

Uma frase arrepiante, que marcou a actuação de Waldemar Bastos no Show do Mês, foi esta: “É a primeira vez que canto livremente na minha terra”.

Entre anónimos, personalidades com responsabilidades nos vários sectores da nossa sociedade, gente do partido da situação e dos partidos na oposição, activistas, revus, bajus, curibotas e artistas, que enchiam a sala, era motivo para dizer: “Estamos juntos”. Angolanamente juntos.

O homem que em 1990 declarava o seu amor indeclinável pelo país em “Angola Minha Namorada”, começou a aquecer com o tema “Margarida”.

Waldemar Bastos, embalado pela plateia, deu um cheirinho do seu lado de solista entrando na alma do “ClassicosofMySoul” (en) cantando os temas “MbiriMbiri” e “Muxima”. Um outro tema executado com muito sentimento e que fez furor na sala foi “HumbiHumbi”, que trouxe à lembrança os coros das igrejas Evangélicas e Baptistas.

Passada a fase de execução de canções do seu último trabalho discográfico, WB recorreu ao seu LP de estreia, “Estamos Juntos”, e soltou ao microfone “Teresa Ana”, um autêntico pregão de quitandeiras do antigamente, hoje substituídas pelas zungueiras, as guerreiras da sociedade luandense.

O bardo contou a história de NzingaMbande, patente

no tema “NzingaMbande”, constante do disco “Preta Luz”, saído com a chancela da LuakaBop, de David Byrne. Se a canção fala da mulher tão linda, a soberana guerreira, WB confessou que no momento não tinha poemas para cantar, só o ritmo para dar. Foi o que o artista apresentou na execução deste tema. Embalado pelos solos de Botto Trindade e Teddy Nsingui, o WB solista reapareceu com a rítmica do antigo Reino do Kongo, concretizada num soukouss que levantou a plateia.

“Carnaval” não ficou de fora do Show do Mês, assim como “Mungueno”, a estória triste, mas com andamento alegre, de Domingos, o filho que se despede da mãe dizendo que ia à praia para pescar o peixe para o mufete e nunca mais voltou.

Inevitável “Marimbondo”
Depois de tantos pedidos, “Marimbondo”, poema musicalizado de Ernesto Lara Filho, foi executado, com as inevitáveis associações na mente dos presentes, decorrentes do ambiente político actual, onde ganhou uma nova e inesperada acepção na voz do Presidente João Lourenço, significando agora “poderoso corrupto”. Miguel Trovoada, na percussão, e a secção de cordas, reproduziram, enfaticamente, o zunido do marimbondo e das abelhas. Foi mais um momento sublime, com o público a aplaudir de pé.

Em clima de reconciliação, “Carinho”, tema inédito, apelou à união, sinceridade e a outros valores que estão em falta.

Para o fecho, estavam reservadas as canções “Pitanga Madura” e “Colonial”, a primeira do disco homónimo lançado em 1992.

As cadeiras já não eram tão convidativas. E a viagem musical proposta por Waldemar Bastos não podia terminar de outra forma, senão com a narrativa da carta que chegou, transportada pelo navio “Colonial”, que deu nome ao famoso tema popular es-

tilizado pelo Ngola Ritmos e que em 1983 WB gravou, inserindo-o na sua discografia. Com esse tema, deu-se por encerrado o concerto, confirmando-se assim que o disco “Estamos Juntos” (não podia haver designação mais simbólica), com os seus oito temas cantados no Show do Mês, é o que mais está fincado nos ouvidos do público angolano. E explica-se: é o disco de WB que mais tocou nas rádios angolanas, antes de um manto de silêncio, estendido a mando de inomináveis “ordens superiores”, terem proscrito o artista.

As duas noites de espectáculo no Show do Mês foram aproveitadas pelo artista, que se encontrava num momento ímpar ao ser galardoado com o Prémio Nacional de Cultura e Artes de 2018, para manifestar publicamente o seu reconhecimento aos admiradores, depois de o ter feito já nas redes sociais. O músico vinha de uma tournée americana, com actuações no Royce Hall, em Los Angeles e no Festival de Música Espiritual, na mesma cidade norte-americana, com críticas bastante favoráveis no jornal “Los Angeles Times”.

Actuação no Lubango

A actuação de Waldemar Bastos nas Festas da Nossa Senhora do Monte, no Lubango, em 2019, permitiu-lhe matar saudades dos fãs locais e da cidade onde não subia a um palco há mais de 20 anos. “Cantei várias músicas, porém, a ‘Lalipo Lubango’, que fiz com muito amor, foi a que a plateia bastante exigente e muito presente solicitava. Não é por acaso que até hoje essa canção se renova e a juventude gosta. Tudo que é feito com amor tem a capacidade de se rejuvenescer”, disse na altura o cantor.

“Foi uma grande alegria vir ao Lubango, sabendo que a cidade, por altura das festas, tem essa música como hino”, explicou, acrescentando que “ser convidado assim, dá uma grande alegria, porque fiz uma canção linda para esta terra”.



DR

NOS DEZ ANOS DA MORTE DE RUY DUARTE DE CARVALHO

“Talvez por que a vida é como uma viagem”

Ruy Duarte de Carvalho deixou o mundo dos vivos há dez anos, no dia 12 de Agosto de 2010, mas deixou, também, a magnífica obra, cuja dimensão de valor é grande e de um perfil de transcendental particularidade, onde o labor oficial da palavra transita por várias linguagens, no conjunto de uma produção que abrange uma variedade de textos, sendo que foi pela poesia (“Chão de oferta”, sua obra inaugural, editada em 1972) que veio, posteriormente, a associar-se ao cinema, actividade que desenvolveu até ao fim dos anos 80

David Capelenguela /*

Com um curso feito em Londres, além de dirigir séries de documentários e de filmes catalogados como material de cariz etnográfico, Ruy Duarte de Carvalho foi, depois da Independência, responsável pelo primeiro filme de ficção do cinema angolano: “Nelisita”, de 1982. E, a esse respeito, ele próprio diz:

“(…) foi de alguma forma a poesia que me fez passar pelo cinema e, por seu turno, foi a partir do cinema que se exprimem segundo o regime da oralidade.” (CARVALHO, 2008, p. 48).

Numa noite de quinta-feira, recebi o telefonema do meu amigo Arlindo Isabel: – Aló, David! Então, como vai? David, peço desculpas por ligar-lhe a esta hora, mas é para lhe comunicar que faleceu o seu amigo Ruy Duarte de Carvalho, meu autor na Nzila.

Confesso que foi um duro golpe! Conheci o Ruy Duarte de Carvalho no Namibe, por altura da realização do simpósio sobre identidades culturais do Sul de Angola, organizado pelo Governo local. Foi na condição de realizador e apresentador da “Frente Cultural”, uma rubrica radiofónica que ia ao ar todas as quartas-feiras, que depois vim a recebê-lo na cabine de emissão no Rádio Namibe, em 1990. Impunha-se a necessidade de, mais uma vez, abordar-se o tema sobre os Kimbar do

Namibe, daí o convite formulado ao sociólogo Edilberto Madeira, que, por indisponibilidade, indicou o seu amigo de infância, Ruy Duarte de Carvalho. Assim quis o destino! Daí partiu uma amizade de longos anos, permitindo assim, desde muito cedo, tomar contacto com a sua fulgurante produção artístico-literária. Convivemos muitos anos, viajámos e fez-me conhecer quase todo o percurso Herero, do Namibe à Namíbia. Os seus povos e culturas, formas de estar e de ser, danças, provérbios, máximas, advinhas, cantos, ritos de puberdade, sinais do rugir do leão e gestos até do ruminar do boi comum e do mugir do boi sagrado.

Ocupando o seu lugar cativo, entre a noção de cultura e a resiliência da hegemonia, a obra de Ruy Duarte de Carvalho inscreve-se, de forma inovadora, na literatura produzida em Angola, sobretudo depois da nossa Independência.

Mitopoética: a tradição oral

A produção literária de Ruy Duarte de Carvalho, particularmente a sua poética, apresenta-se como um discurso em ascensão, em que o poeta, gradativamente, incorpora e ressignifica elementos simbólicos do universo angolano, encenando manifestações do quotidiano, histórias do próprio sujeito e da linguagem, com o objectivo de constituir uma memória colectiva bastante dinâmica.

Desde “Chão de oferta”, seu primeiro livro de poesia, os poemas deste autor problematizam, quase sempre, a interacção do espaço-tem-

po e ser, com destaque para as paisagens do Sul de Angola, sua predilecta zona de conforto, e Angola, sua terra, desde que, em 1983, se naturalizou, por motivos que se prendem com o sentimento, de que teve consciência aos 12 anos, depois de a sua família ter emigrado para Moçâmedes (ainda na época colonial), tendo ali a sua matriz geográfica:

“O que há aqui é ter-se a justa percepção do espaço e as importantes coisas que o sustentem: o exacto norte que o temor encerra; a votiva escravidão que o mar inspira; o leste e o som remoto de uma extinta glória; o sul magnético e a festa que anuncia.” (CARVALHO, 2005, p. 59).

Da sua poesia, observa-se, nalguns casos, a escrita de uma reescrita, de uma releitura abstraída das tradições culturais, em que se cruzam aspectos da tradição oral do Sul angolano. Pensa em língua portuguesa, apreendendo-a de uma perspectiva outra, num entrelugar que desliza “entre voz e letra”. E, ao articular literariamente o registo oral, cuida da memória identitária dos agora seus concidadãos. E diz:

“Tenho cruzado as memórias dos grupos, e tenho-as cruzado com a minha, enquanto elas mesmas se cruzam entre si e é daí que se urdirá uma expressão angolana de que todos nós, institucionalmente angolanos, tanto precisamos para podermos pensar e para nos podermos pensar a nós mesmos” (CARVALHO, 2008, p. 63).

Os Kuvale

Quase sempre incompreendidos e não aceites pela “sociedade civilizada”, os Kuvale, “Pastores... Como os Himba, eles a norte e estes a sul do rio Kuroka, são o núcleo duro de uma cultura do gado e do leite que do canto sudoeste de Angola se projecta para Sul. Integram uma mancha de implicação clânica que no seu caso e no dos Himba fundamenta e regula toda a prática social que exercem no comum, mas se estende, em termos de reciprocidades e de obrigações, consanguinidades e alianças, a franjas muito ocidentalizadas, em Angola e na Namíbia, tanto de gente herero, como eles, como também Nyaneke e Ovambo. Os Kuvale garantem-se e reproduzem-se, entre o deserto do Namibe e o planalto da Huila, segundo os modos, as operações e as razões de um sistema produtivo realizado e actualizado de acordo com uma matriz que é comum a toda a África pastoril e que terá viajado – a partir do Leste, ao nível das Grandes Lagos, parece – com as migrações de populações pastoris bantas, ou bantuizadas ou que, pelo menos, terão dado origem a grupos cuja língua era banta quando chegaram, já tarde, à costa sudoeste do que é hoje Angola.” (CARVALHO, 2008, p. 63).

Depois da sua tese de doutoramento “Ana a Manda – Os filhos da rede”, Ruy Duarte de Carvalho voltou a sua atenção para os povos pastoris do Sul de Angola, em especial os Kuvale, numa espécie de regresso ao território de sua origem inaugural. O universo cultural Herero ocupou, por

muitos anos, um lugar central em toda a sua produção intelectual. Em aviso à navegação sobre os Kuvale na história, nas guerras e nas crises, nos seus artigos e comunicações, por exemplo, estão reunidos importantes reflexões sobre a vida quotidiana dos Kuvale, onde, com recurso a uma linguagem mesclada entre o rigor ensaístico e as linhas do discurso ficcional, os Kuvale são tratados com a dimensional importância cultural que se impõe.

Decoração e alma estendidos para o Sul, propondo-se a viver lá por aproximadamente seis meses por ano, passando pelo meridiano de Moçâmedes, margens do Cunene, até à Namíbia, Ruy Duarte de Carvalho, à chama do Kalahari, numa descrição como que uma poética dos nomes e dos lugares, traduz um fio condutor cujo enquadramento se subscree na Antropologia, Literatura e história. Em seu magnífico livro, “Vou Lá Visitar Pastores”, um retrato apurado e baseado no seu longo trabalho de pesquisa antropológica, reproduz, selecciona, sistematiza e classifica etnograficamente os Herero, para minuciosamente abordar os Kuvale, revelando-se exímio conhecedor dos povos e do espaço enigmático que palmilha, decifrando percepções, sentimentos e relações que mostram um outro modo de ser e de estar sociais, fundamentado no “eu do outro” ou vice-versa:

O livro “Vou Lá Visitar Pastores”, engenhosamente ficcional, consiste na “transcrição” de uma colecção de cassetes em que o narrador, supondo um interlocutor virtual, desenrola o relato das suas

anotações de campanha, penetrando mais e mais no território do Outro (os Kuvale), para melhor compreender a essência silenciosa da paisagem: a narrativa, lenta, minuciosa, “ricamente lavrada” (como outrora se diria), toda ela recheada de digressões e reflexões críticas e ensaísticas, funciona como uma espécie de ritual de encantamento, que obriga o leitor a internar-se com ele pela paisagem (terras, gentes, costumes) que é a própria matéria de que se faz o livro.

Numa das suas passagens, o autor descreve a paisagem, advertindo a importância do seu domínio e conhecimento, pois é preciso conhecê-la para entender a “lógica das transumâncias”. Para que isso ocorra, segundo o autor, precisamos de nos interessar pelas “pastagens, por capins, águas, solos, climas, então a intrusão da poesia resulta imediata” (CARVALHO, 2000, p. 117).

“Toda essa poesia me serviu para dizer-te, agora, que da Serra da Neve, que nem meio grau é a Norte da Lucira, para baixo e até ao Kuroka, é o território ecológico dos Kuvale. A pastorícia mucubal é aí que funciona combinando estes dois tipos de estepe, a herbácea e a subarbusciva, mais a zona dos bosques secos de mutiatis e as aplanções aluvionais; agricultáveis, e com extensões transumanantes que aproveitam recursos de serra-abaxo e os pastos ocres, quando verdes, do planalto. [...] O pastor que mantém acesa a fogueira que a noite revela sabe de tudo isso, evidentemente” (CARVALHO, 2000, p. 120).

Cultura e posicionamento intelectual

Pelo seu engajamento no discurso escrito, Ruy Duarte de Carvalho pode aferir-se como um escritor e ainda pode ser encarado como intelectual no mundo contemporâneo, posicionando-se, ele próprio, no discurso que produz, como intelectual no espaço público das relações de força entre as diversas retóricas sócio-culturais. Se a actividade literária contemporaneamente se encontra, por um lado, retalhada entre uma alta e engajada literatura, em seu labor, a posição do etnógrafo enquanto escritor é permanentemente tensionada e problematizada pelo também poeta e ficcionista que é, tanto quanto estes são pressionados pelo método do etnógrafo e, com a preocupação e consciência da responsabilidade social, com a lucidez que se lhe imputa o labor, não se esquece de que, a partir de e simultaneamente a esse jogo de (des)autorizações do sujeito autoral, há a necessidade de discutir impasses da sociedade angolana pós-Independência. Ou seja, a localização do escritor como autor social, presente no espaço das representações culturais da sociedade angolana, dá-se, portanto, fundamentalmente através da sua acção mais característica: escrever. Pela escrita,

ele activa processos de subjectivação que o representam nas malhas da rede social como sujeito de um discurso, uma acção discursiva. Enquanto acção, o acto de escrever é, portanto, compreendido como acto de força, pelo qual o escritor tematiza, directa ou indirectamente, formas e modos de inserção e posicionamento de si próprio e do outro na malha da hierarquia social, não fosse, por isso, o seu olhar de intelectual apurado, para debitar da grande porção do território Kuvale, a concludente percepção do percurso:

“A parte norte do território Kuvale é de alguma forma excêntrica em relação à incidência maior do meu inquérito e das minhas experiências, tanto a recente quanto a remota, da infância. Mas no ano passado e no ano anterior andei por ali. De uma das vezes fui até Lucira e flecti depois para o interior, pela Mahandya. Aí atravesssei o rio Carunjamba, para alcançar o Xingo. Estava a chover com força, corria água, mas dava ainda passagem. Quando mais à frente atingi o rio seguinte, o Inamandando, aí já não dava e voltei para trás, arrepiei caminho apenas para constatar que o Carunjamba tinha enchido

também, entretanto. Fiquei dez dias retido entre as duas torrentes e só consegui sair dali quando achei que ia dar se recorresse ao processo de meter o carro na pegada de uma manada de bois. Revolvem a areia e a lama do fundo, enquanto atravessam, e deixam mais firme o leito do rio. Com tracção as quatro rodas e aceleração certa consegues sair, e é a maneira de escapar a tanta água acumulada por toda parte e a toda a sorte de cobras e lagartos que em tais períodos da estação saem dos abrigos para refazer os ciclos que hão-de devolver mais tarde, novamente, à segura, ao frio e ao sono. Fugi literalmente dali e nem os magníficos bandos de humbihumbi que todas as tardes cruzavam o céu chuvoso, azul cobalto, em direcção ao Leste, me puderam evitar uma áspera crise pessoal, angústias de antropólogo, de nacional, de andarilho sem-eira-nem-beira bloqueado no espaço e nas dobras do tempo, enredado nas malhas da sua própria deambulação” (Carvalho, 2000, p. 75).

A experiência de sentido diante da fragilidade do sagrado no mundo, no olhar sucinto e preliminar do conceito de modernidade de Ruy Duarte de Carvalho,

consiste na redescoberta do seu lugar de origem ou de pertencimento para viver experiências de resignificação de realidades e de tecidos culturais, como a tradição oral, onde o outro sobre si se manifesta, e faz sentir o do outro, na aceitação da partilha dos actos. Ausentar-se das grandes cidades, como Luanda ou Lisboa, em busca do Sul angolano, daí adentro, redesenha o espaço em perspectiva, onde o fluir do tempo é tão mais desacelerado e propício a observações, sentimentos, assunção e partilha para com o próximo e seu contexto:

“O que resulta [da poesia] não é senão a expressão de uma experiência firmemente localizada na, e tributária da, realidade (...) Para encerrar, finalmente, dizendo que meu trabalho sobre a tradição oral tem sido sobretudo, tal como eu o sinto e assumo, um exercício de modernidade, precisamente, que encontra nas estruturas profundas, reveladas por essa expressão, a via para actualizar, tornar acto, uma atitude tão antiga quanto o próprio tempo do homem - a atitude poética - no exacto momento da escrita, no aqui, no agora, hoje mesmo.” (CARVALHO, 2008, p. 255)

* Poeta

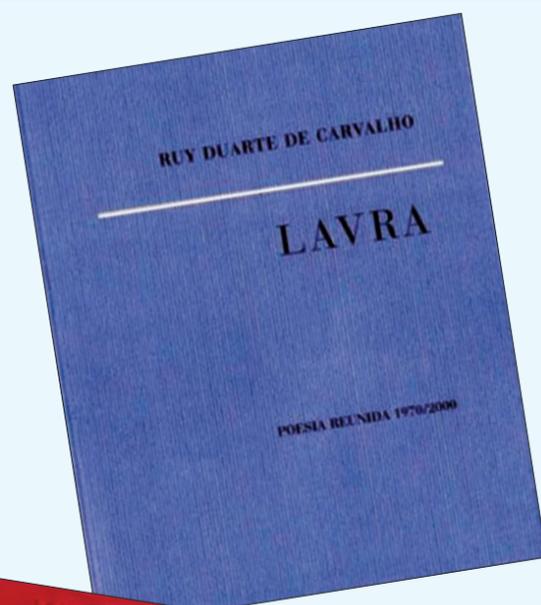


Inovador na poesia

Tendo nascido em Santarém, Portugal, em 1941, Ruy Duarte de Carvalho passou a sua infância e adolescência em Moçâmedes. Regente agrícola, foi criador de ovelhas no Caracul (60 Km antes da cidade de Moçâmedes). Mais tarde estudou Cinema em Londres e doutorou-se em Antropologia, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, com uma tese sobre os pescadores da Ilha de Luanda. Leccionou na Universidade Agostinho Neto e foi Professor Convitado nas universidades de Coimbra e de São Paulo.

Com David Mestre e Arlindo Barbeitos faz parte dos nomes mais sonantes que introduziram inovações na poesia da década de 1970, onde, a par da actividade crítica e de reflexão sobre o ofício poético, impulsionaram o surgimento de novas tendências e novos nomes na poética daquela época e transição para a geração de 1980.

Ana Mafalda Leite, professora universitária em Lisboa, diz que, com o impulso de Ruy Duarte de Carvalho, David Mestre e Arlindo Barbeitos, “a dimensão narrativa da poética antecedente, tendencialmente épica e histórica, resultante de uma urgência de denúncia da situação colonial, é substituída pela dimensão simbólica e mítica, que a fragmentação e o experimentalismo do discurso manifestam”.



EMPRESÁRIA DOMINGAS CASSANGA**Mulher vencedora,
sem medo dos desafios**

Domingas Cassanga tem a sua residência fixada na cidade de Menongue, província do Cuando Cubango, desde 2002. Por causa dos negócios que tem em Luanda, Benguela, Bié e Cuando Cubango, não olha a meios quando o assunto é viajar por estrada. A bordo da sua viatura, pega no volante e segue para o seu destino, para cuidar dos negócios

LOURENÇO BULE | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE



Lourenço Bule | Menongue

Domingas Marcela Mungala Cassanga, 50 anos de idade, nascida aos 19 de Março de 1970, na cidade do Lobito, província de Benguela, é uma empresária de sucesso em diversos ramos de actividade. Viu os seus feitos a serem reconhecidos, pela primeira vez, em 2011, com uma estatueta e um diploma de mérito, atribuídos pela Associação Munakazi Mwene - Mulher Rainha, pelo contributo para o desenvolvimento da província do Cuando Cubango e a afirmação da angolidade.

Proprietária do grupo empresarial “Minga e Filhos”, e de outros empreendimentos sociais e económicos em Luanda, Benguela e Bié, Domingas Marcela Cassanga, “Minga Junqueira” para os mais

chegados, foi também distinguida com medalha e um certificado de mérito pela multinacional petrolífera Chevron, pelos múltiplos apoios, no capítulo social, que tem prestado a dezenas de crianças em situação vulnerável no centro de acolhimento “Mbembwa”, em Menongue.

A acção empreendedora dessa mulher não tem limites. Em 2015 viu os seus esforços serem reconhecidos pela Companhia Siderúrgica do Cuchi (CSC) Lda, que explora ferro gusa no município com o mesmo nome, que lhe atribuiu uma menção honrosa pelo seu “envolvimento e entrega total” no surgimento deste mega projecto no Cuando Cubango, o primeiro em todo o país.

E, para colocar a cereja no topo do bolo, como se diz na gíria, Domingas Cassanga recebeu, em 2019, a Medalha de Bravura e de Mérito

Cívico e Social, atribuída pelo presidente da República, João Lourenço, em reconhecimento do seu envolvimento, há mais de 15 anos, nas causas sociais, em benefício de pessoas em situação de vulnerabilidade no Cuando Cubango. É a única mulher de negócios da província distinguida com tamanha distinção, até ao momento.

A empresária tem, ainda, ajudado com géneros alimentícios, roupa usada, material de higiene pessoal, presentes de natal, entre outros mimos, os utentes do lar da terceira idade localizado no bairro Hoje-ya-Henda, os petizes do lar de acolhimento Mbembwa, a comunidade Khoisan e outros populares em situação de extrema pobreza nas províncias do Cuando Cubango e de Benguela.

Na conversa que manteve com o *Jornal de Angola*, Domingas Cas-

sanga revelou que no bairro da Li-xeira, na periferia da cidade de Benguela, tem apoiado com géneros alimentícios, roupas, calçados e pagamento da renda de casa, uma família de portadores de deficiência física, cujo chefe do agregado familiar encontra-se acamado há mais de 14 anos, “por padecer de uma doença estranha”.

Disse que, do lucro que obtém dos seus negócios, gosta de “partilhar um pouco” com as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade. Gosta de conviver com crianças e pessoas da terceira idade, “porque um dia chegará também a envelhecer”.

Lamentou o facto de, muitas vezes, ter sido mal interpretada por alguns empresários e membros do governo local, pela sua benevolência, sob a alegação de que pretende, com os seus feitos, “apo-

derar-se de posições de outrem”, ou de “querer aparecer”. Ela garantiu que é, tão somente, uma mulher focada em ajudar os mais desfavorecidos, com destaque para crianças, idosos e pessoas com limitações físicas.

Domingas Cassanga afirmou que construiu e entregou uma igreja, com capacidade para 500 fiéis, aos populares da aldeia do Vioto, em Menongue.

Em tempos da pandemia da Covid-19, a empresária ofereceu mais de cinco mil máscaras faciais aos cidadãos de Menongue e dezenas de cobertores e casacos aos inquilinos do lar da terceira idade do bairro Hoje-ya-Henda.

Ela disse ter como pretensão a construção de um centro de acolhimento para os mais carenciados, bem como mais igrejas e escolas em zonas recônditas.

Forte veia empreendedora

Domingas Cassanga revelou que herdou a veia empreendedora do seu pai, Junqueira Cassanga. Este, em 1978, já possuía um restaurante, padaria e uma loja na zona da Restinga, na cidade do Lobito.

“Estudava no período da manhã e todas as tardes acompanhava o meu pai aos seus estabelecimentos comerciais, para contabilizar as vendas diárias. Com apenas 10 anos, eu já sabia fazer as contas do dinheiro”, recordou, com um grande sorriso.

Salientou que, com 14 anos, aprendeu a conduzir. E aos 17 obteve a sua primeira carta de condução profissional de veículos pesados, através de um termo de responsabilidade assinado pelo pai, que, apesar de na altura ter vários carros, nunca conduziu, dependendo de motoristas.

Fez saber que quando tinha 18 anos, isto em 1988, o seu pai obteve-lhe uma bolsa de estudo para Cuba, mas, posta em Luanda, submetida aos exames médicos da praxe, descobriu-se que estava grávida, não podendo, por isso, seguir viagem com os demais bolsiros.

Quando regressou a Benguela, o pai Junqueira Cassanga deu-lhe uma carga de porrada e, posteriormente, deserdou-a. Tudo por ter perdido a “grande oportunidade de formar-se no exterior do país por causa de um amor não correspondido”.

Domingas Cassanga informou que o jovem com quem manteve uma relação amorosa, e a engravidou, não quis assumir a gravidez. Fugindo das suas responsabilidades, alistou-se nas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA)

e nunca mais foi visto.

Frustrada com a situação, começou a pedir dinheiro emprestado a algumas pessoas chegadas ao seu pai, para começar o seu primeiro negócio.

“Facilmente consegui dinheiro emprestado, porque todo mundo conhecia e respeitava o meu pai, que na altura era proprietário de uma padaria, restaurante e loja na Restinga”, disse. Acrescentou que o restaurante do seu progenitor era “paragem obrigatória” para cidadãos e visitantes.

Do peixe à construção civil

Sem dinheiro para continuar os estudos e sustentar a sua filha, Domingas Cassanga começou a trabalhar no serviço de táxi com um autocarro de 35 lugares, que fazia viagens de Lobito a Benguela e vice-versa.

“Trabalhava de manhã e, no período da noite, ia para a escola. Na altura estava a frequentar a nona classe na Escola Pim, Pam, Pum, no bairro Compão, no Lobito”, disse.

Concluído o ensino médio, conseguiu o seu primeiro alvará comercial em Benguela, com a denominação “Domingas Marcela Mungala Cassanga”, e passou a comercializar peixe seco, sal, açúcar e whisky nas províncias da Lunda-Norte e da Lunda-Sul.

Com o aumento do volume de negócios, a empresária passou a comprar cerveja na vizinha República da Namíbia, para comercializar nas Lundas, Bié, Malanje e Cuando Cubango.

Fez saber que em 2001, em pleno conflito armado, perdeu quatro camiões com contentores de 40 pés car-

regados de cerveja, que tinham como destino as Lundas, e mais dois quando saíam da Namíbia para Angola. Mas nunca baixou os braços. O seu lema, até hoje, é: “bola para frente, porque atrás vem gente”.

Explicou que tanto na Lunda-Sul como na Lunda-Norte alguns dos seus produtos eram comercializados em dólares e outros permutados com diamantes, que vendia na Bélgica. Com o andar dos negócios, em 2002 comprou 15 carros de ocasião e comercializou-os em Benguela e no Cuando Cubango. No mesmo período, a convite da sua prima e amiga Ana Bela Tchindandi e do seu tio João Baptista Tchindandi, na altura governador do Cuando Cubango, começou a comercializar peixe seco em Menongue.

Recordou que comprava o peixe seco na Baía Farta. Com os resultados positivos do negócio passou a comprar o peixe seco em Luanda, onde, na altura, era mais barato, além da maior facilidade de o transportar para o Cuando Cubango, usando os aviões da Força Aérea Nacional.

Acrescentou que, com o negócio do peixe seco consolidado em Menongue, surgiram-lhe novos horizontes. A venda de roupa usada foi a sua nova aposta.

Em 2004 criou grupo empresarial “Minga e Filhos”, voltado para a construção civil e obras públicas, comércio geral, exploração de diamantes, prestação de serviços, transportes, importação e exportação.

Lobitanga de gema, como sempre faz questão de realçar, Domingas Cassanga passou a viajar para países



da Europa, nomeadamente, Bélgica e Holanda, onde comprava quantidades consideráveis de roupa usada que tinha como destino o Porto Comercial do Lobito. De lá era distribuído para as filiais da sua empresa em Benguela, Cuito-Bié e Menongue.

Ainda em 2004, a empresária lobitanga ganha a primeira obra de construção civil. Tratou-se da empreitada de reabilitação e ampliação da Administração Municipal de Menongue. No ano seguinte, reabilitou a delegação provincial dos Correios e Telecomunicações.

Domingas Cassanga, no intuito de se afirmar completamente no mundo dos

negócios, em 2006, contraiu um empréstimo de 60 mil dólares no Banco de Poupança e Crédito, que investiu na compra de sal, peixe seco e roupa usada, que vendeu no mercado informal de Menongue, uma parte, e distribuiu aos cidadãos que estavam nas zonas de acolhimento nos municípios do Rivungo, Mavinga e Cuito Cuanavale, outra parte.

A empresária deu a conhecer que o seu lucro foi de 30 mil dólares. Adquiriu, nos Estados Unidos da América, 18 contentores de 40 pés carregados de roupa usada e calçados. Em Benguela, adquiriu sal, açúcar e óleo vegetal, que vendeu no Cuando Cubango.

“Este negócio rendeu-me muito dinheiro. Nunca pensei que seria bem-sucedida vendendo estes produtos”, disse. Acrescentou que graças ao lucro que obteve, conseguiu criar o império “Minga e Filhos”. O ano 2016 foi o mais difícil da sua vida, por ter perdido a sua irmã, no mês de Abril, em pleno trabalho de parto. No mês seguinte faleceu a sua mãe, vítima de doença prolongada.

“Perdi os maiores tesouros que eu já tive na minha vida. Senti-me bastante desiludida e com vontade de desistir de tudo, sem forças nem coragem de continuar a lutar e trabalhar”, recordou, com os olhos marejados de lágrimas.

Projectos na forja

Domingas Cassanga revelou ao *Jornal de Angola* que, futuramente, pretende levar a vida no campo, uma vez que o seu pai “foi um grande empresário e a mãe agricultora”. Para concretizar o seu sonho, a empresária de sucesso já comprou um espaço de 5.250 hectares no projecto das 50 fazendas agro-pecuárias, no município do Cuchi.

“Fui uma das primeiras pessoas a aderir a este projecto. Comprei a minha fazenda a 200 mil dólares”, disse. Acrescentou que, até ao momento, ainda não implementou nada no local.

A empreendedora construiu várias escolas de seis e 12 salas de aulas, edificou o centro ortopédico e a casa protocolar da comuna do Caiundo e foi, também, a responsável pela construção e apetrechamento da residência do administrador, do procurador municipal do Cuchi e do Balcão Único do Empreendedor (BUE). Equipou, igualmente, a pirâmide do memorial à batalha do Cuito Cuanavale.

Em Luanda, construiu e apetrechou um complexo escolar, duas escolas T8 e equipou o hospital da Barra do Kwanza, onde actualmente estão alguns doentes com Covid-19, e o Hospital dos Queimados, localizado no Zango II. Edificou, ainda, vários equipamentos sociais na província do Huambo, com realce para o município da Caála.

Domingas Cassanga queixa-se de que, apesar de construir várias infra-estruturas sociais e apetrechar

diversos imóveis no Cuando Cubango, muitas dessas empreitadas não foram pagas até ao momento, razão pela qual pensa, seriamente, abandonar o ramo da construção civil.

Domingas Cassanga é detentora de uma loja de venda de materiais de construção civil, armazém de produtos diversos, estaleiro, salão de beleza e uma residência em Luanda e outra em Benguela. Possui uma rent-a-car, snack-bar, estação de serviço e um escritório.

No Cuando Cubango, onde está a sediada empresa “Minga e Filhos”, possui uma loja de materiais de construção, armazéns de produtos diversos, várias residências e um estaleiro. Ao passo que na província do Bié, é detentora de um escritório e está virada para a construção de infra-estruturas diversas no âmbito do Plano Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM).

A empresária lobitanga tem agora um novo desafio pela frente: a construção de um colégio, creche, salão de eventos, rede de supermercados e padarias nas províncias de Luanda, Bié e Benguela. Revelou que por causa da pandemia da Covid-19 vários desses projectos estão por implementar.

Domingas Cassanga “rasga” habitualmente as estradas do país, a partir de Menongue, ao volante da sua viatura, para supervisionar os negócios que tem espalhados por Luanda, Benguela, Bié e Cuando Cubango.



WALDEMAR BASTOS E CARLOS BURITY

Música angolana no Céu

Eles nunca morrerão. Jamais se calarão. Continuarão a brilhar deslumbrantes no Céu da arte musical



Pombal Maria

No passado dia 9 de Agosto, a trágica notícia da morte de Waldemar Bastos caiu como tempestade na minha alma. Não tive de evitar o vendaval. Realmente não previa para tão cedo a partida daquela estrela cintilante da música nacional. Naquela data, Dia Internacional dos Povos Indígenas, parece que o tempo encurtou e, num pestanejar de olhos, viajamos para o futuro longínquo. Fomos pelos caminhos e encontramos uma onda de choque.

A notícia que me trouxe a informação do infausto acontecimento tinha essa encantadora metáfora: “Hoje há música angolana no Céu”. As lágrimas brilharam na menina dos meus olhos, não consegui identificar o nome de quem havia assinado a notícia, não consegui mesmo... Fiquei preso àquela metáfora. A alegoria acelerou ainda mais a viagem pelo espaço onde o nosso prezado cantor certamente está: no Céu. Com esta literariedade, a tempestade que sacudia a minha alma diminuiu de intensidade. Julguei que estivesse dentro de um poema de Bendinho Freitas, Abreu Paxé ou David Capelenguela.

O bicho da arte agarrou em mim e obrigou-me a sentar-me junto ao computador

para burilar uma crónica. Não sabia por onde começar, se pelos traços de metáforas poéticas ou pelos traços tradicionais da crónica. Não sabia por onde começar a viagem pelo sonho das letras, no género parente da literatura. Logo, o passado veio ter comigo, é verdade, a imagem da primeira vez que depusitei o voto na urna do “Top dos Mais Queridos”, na década de 80, na portaria da Rádio Nacional de Angola. O autor de “Lalipó” foi o meu eleito. Mil razões cobriam-me. A forma como cantava a beleza da terra que me viu chegar no bico de uma cegonha foi uma delas. A Rádio Nacional de Angola levantou o véu, o prémio não chegou às mãos do meu eleito. Não embarquei em prantos, sabia que o homem que melhor cantava o morango da Huíla, a Serra da Leba e muitas outras belezas da terra da Chela, e não só, tinha adiante uma longa estrada de sucesso por galgar e Angola e o mundo haveriam de se render ao seu talento. Os mais nobres palcos do mundo inteiro, principalmente do Primeiro Mundo, seriam testemunhas. Deus foi testemunha.

Para enriquecer o meu texto, já que estava a navegar por oceanos de letras, fui promovendo alguma tertúlia sobre aquela estrela candente da música, nas redes sociais, principalmente com amigos

da terra da Marrabenta. Os irmãos do Índico estavam muito consternados com a partida do astro. Por exemplo, Fu Manjate, prestigiado músico, radicado na cidade de Cuimba, exímio cantor de Fado, através do seu irmão Carlos Manjate, meu confrade, enviou os seus mais sentidos pêsames à família e aos angolanos. Fu foi amigo do Menino de Mbanza Congo.

Mas no oceano de letras, para conseguir resgatar as minhas memórias sobre o autor, viajei para o passado, cerca de seis anos atrás, quando ele (WB) esteve na Casa dos escritores angolanos, em Luanda, partilhando as suas experiências de vida com os admiradores. A casa inaugurada pelo poeta Agostinho Neto estava inflamada de gente. O cantor falou da sua trajectória de vida, dos seus encantos e desencantos. Que foi militar das FAPLA, que abandonou o Huambo no alvorecer da independência, receiando ser apalhado pelos rebeldes e, automaticamente, foi “despachado” para o “inferno”. Lembrou que a sua mãe, uma verdadeira biblioteca, ainda estava entre os vivos, na casa dos noventa e tantos cacimbos. Mas, o que mais encantou a plateia foi a memória dos seus três meses no palácio do Rei de Espanha. Não no espaço dos hóspedes. A família real fez questão de

o ter bem próximo. Os presentes maravilhavam-se com o que saía da sua boca. Naquela iluminada noite, Waldemar Bastos matou ondas de saudades, reviu velhas amizades. Há décadas que não pisava o pé na cidade da Kianda. Nas ruas e ruelas de Luanda, modesto como era, não contou os seus passos no tapete asfáltico. Para muitos “bons” angolanos, andar a pé é uma doida humilhação. A educação vem mesmo do berço. Nas suas caminhadas, ao contrário dos meninos complexados, o meu eleito do “Top dos Mais Queridos” foi “amarrado” nos abraços de centenas de cidadãos, de todas as cores, feitos e feitos, que se assustavam ao ver um monstro sagrado da música angolana a atravessar a estrada a pé.

Bem haja, Burity

Com esta viagem ao passado, tinha eu as bases para desenharmos a crónica. Deixei passar um dia para refrescar a floresta da memória, limpei as lágrimas do sol seguinte e, no dia escolhido para caminhar nas nuvens com o texto, com sabor a poesia surrealista, outra bomba voltou a trepidar a minha alma, acelerando os batimentos cardíacos. Carlos Burity morreu. Palavra pesada: morreu. Meu Deus, para um país louco, com elevada inversão de valores, pouca

promoção da música autóctone, em menos de uma semana dois astros da música partem para a eternidade. Muita carga para a mãe Angola, mal amada por alguns dos seus filhos.

Carlos Burity, Deus o tenha, foi um dos poucos semibistas de gema, dos últimos anos, que conservava a matriz. Os tambores, a viola, a dikanza ou o reco-reco tinham indispensável presença na sua elaboração musical. Mesmo no tempo (segunda metade da década de 80) em que os editores e realizadores das rádios, arripiados como serpente ao ritmo do Zouk, o grande Burity, com alguns confrades, caminhavam no deserto, certos da vitória nacional.

A passagem para o Além deste monstro sagrado do Semba foi uma punhalada no dorso da cultura angolana. Não somente por ter desaparecido do nosso convívio; tarde ou cedo isso haveria de acontecer, mas porque foi um dos poucos, que, na idade contemporânea, contra o vendaval da aldeia global e do modernismo - ou pós-modernismo - conservava as nossas raízes, a nossa identidade cultural.

Em Angola, quando alguém “bate as asas”, em grande parte dos casos, é acompanhado por outrem, um amigo, vizinho, colega ou morador do bairro. Como

se o Anjo da Morte copiasse uma impressionante cena do filme “Fuga de Sabibor”, onde o algoz pede ao condenado para escolher alguém para o acompanhar ao inferno da morte. Assim foi com a morte do poeta António Panguila (1963-2018). Seguiu-se-lhe, uma semana depois, Frederico Ningi (1959-2018). Ningi em vida chegou a acompanhar Panguila à sua eterna morada. Posteriormente, o escritor Jimmy Rufino, Kamba dya Muxima, partiu sem regresso, deixando vasta obra inédita. Na semana seguinte o poeta Rui Eduardo, da geração 80, o acompanhou ao campo santo.

Tudo isso parece uma viagem ao futuro, ou simplesmente, um sonho acordado. Já dizia o poeta da “Sagrada Esperança”: “Quando nos veremos breve ou tarde/ Diz-me amor (...)”.

Este amor... única tábu de salvação para resgatar nossa mais digna vivência... A pergunta não se cala! Quem será o próximo? Que o diga o Anjo da Morte, a esta hora relaxado no céu.

No fim do dia, vamos todos pendurar as botas, a morte é natural. O Anjo da Morte apenas cumpre a sua tarefa. Waldemar Bastos e Carlos Burity, verdadeiramente, nunca morrerão, jamais se calarão. Continuarão a brilhar deslumbrantes no céu da arte musical mundial.